



ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL DE QUALIDADE¹

ORGANIZATION OF SPACE IN THE CONTEXT OF CHILD EDUCATION QUALITY

Margarida Custódio Moura²

RESUMO: O trabalho aborda como a organização do espaço pode contribuir para uma educação infantil de qualidade. Uma área ainda pouco explorada na educação. O campo de pesquisa foi uma instituição de Educação Infantil da Rede Pública de Ensino do Distrito Federal localizada no Plano Piloto, na cidade de Brasília, e que teve como participantes 18 crianças e sua respectiva professora, observados nos mais distintos momentos do seu cotidiano. Os resultados apontaram que a organização do espaço investigado conferiu à criança o direito de tornar-se protagonista do seu processo de desenvolvimento e de aprendizagem. Assim, foi possível concluir que no jardim de infância analisado a organização espacial contribuiu, de forma significativa, para uma educação infantil de qualidade.

PALAVRAS-CHAVE: organização do espaço; educação infantil; qualidade.

RESUMO: The work approaches as the organization of the space it can contribute to an infantile education of quality. An area still little explored in the education. The research field was an institution of Infantile Education of the Public Net of Teaching of Distrito Federal located in the Pilot Plan, in the city of Brasília, and that it had as participants 18 children and your respective teacher, observed in the most different moments of your daily one. The results pointed that the organization of the investigated space checked the child the right of becoming protagonist of your development process and of learning. So, it was possible to end that in the analyzed kindergarten the space organization contributes, in a significant way, for an infantile education of quality.

WORD-KEY: organization of the space; infantile education; quality.

INTRODUÇÃO

A busca por uma educação de qualidade torna-se cada vez mais importante. E, nesse processo, a relevância da organização do espaço para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças não pode ser desconsiderada, já que ela contribuiu de forma efetiva para uma educação infantil de qualidade.

O espaço educa. Seu planejamento nunca é neutro. Sua formalização reproduz as concepções de quem o organiza. Logo, a forma como se dispõem os móveis, os materiais, o

¹ Este artigo é fruto da dissertação de Mestrado, intitulada “Organização dos espaços: Contribuições para uma educação infantil de qualidade”, desenvolvida sob a orientação da Professora Dra. Maria de Fátima Guerra de Sousa.

² Mestre em educação pela Universidade de Brasília – margarida-moura@ig.com.br



modo como eles são ocupados pelas crianças e adultos e o modo como interagem, revelam, ainda que implicitamente, uma dada concepção pedagógica em uso. Do mesmo modo, reflete o que se pensa sobre a criança e como deve ser o seu processo educativo.

O espaço é vida e desafio tanto para o professor quanto para as crianças. Estudá-lo, buscar conhecer seu papel no contexto da educação infantil, é uma necessidade iminente. Conforme concebido e disposto, ele pode ser ou não um ambiente onde a criança pode criar, imaginar e construir. Da mesma forma, ele pode ser ou não, para a criança, um lugar acolhedor e prazeroso onde ela possa brincar e sentir-se estimulada e feliz.

Partindo da premissa de que uma educação infantil de qualidade é aquela capaz de satisfazer necessidades básicas das crianças, em especial o aprender e o desenvolver-se, este trabalho defende que os espaços devem ser da e para a criança, para que, por meio deles, os pequenos possam aprender e desenvolver-se em todas as suas dimensões humanas. Cabe, pois, ao professor a correta utilização de tais espaços, e a oferta de atividades que propiciem aprendizagens significativas, permeadas pelo lúdico e que respeitem as especificidades infantis.

Muitas pessoas possuem idéias equivocadas a respeito do que seja qualidade para a educação. Por falta de informação, acabam por confundir o significado de qualidade, no âmbito da educação, com a idéia de qualidade empresarial, onde se tende a considerar o ser humano como produto, vivendo num espaço competitivo e produtivista.

Apresentar uma definição para qualidade não é tarefa fácil, já que ela não possui um conceito prontamente estabelecido. Sousa (1998, p.22) diz que:

Apesar de a qualidade ser algo muito importante na vida de todos nós, nem sempre paramos para pensar sobre isso. De certa forma, parece mais fácil exigir, falar sobre ou reconhecer a qualidade – num dado produto ou serviço ou num programa, numa pessoa ou numa equipe de trabalho, do que defini-la. E por que essa dificuldade? Acredito que ela decorre de uma série de fatores que se interpenetram, começando com a natureza ambígua, multidimensional e subjetiva do termo qualidade.

Ainda como assinala a autora, falar em qualidade na educação infantil é falar de uma estrutura complexa, rodeada de instâncias diversas e dimensões distintas. Daí o caráter de multidimensionalidade a que ela se refere.



Deve-se ter em mente que a qualidade é um processo e tem natureza participativa e transformadora. “Não é um valor absoluto, pois cada contexto tem sua história e razões para desenvolver seu trabalho de maneira única” (LIMA & BHERING, 2006, p. 575).

Desse modo, ao se falar de qualidade na educação infantil, diversas e distintas dimensões precisam ser contempladas. A gestão, a formação de professores, a interação família-escola e a rotina da instituição são apenas algumas das dimensões a serem observadas. Vale considerar que não há uma dimensão mais importante ou mais completa do que outra. Elas se complementam, relacionam-se e se entrelaçam de modo que, quanto mais dimensões fizerem parte dessa integração, mais pode se dizer que a educação é de qualidade. E para que possam ser avaliadas, é preciso que se tenha critérios e indicadores definidos. Sem isso fica impossível se ter clareza ou julgar o que realmente é a qualidade.

Assim como as demais, a organização do espaço é uma das dimensões fundamentais para o desenvolvimento integral da criança. Um espaço adequadamente organizado ajuda no desenvolvimento das potencialidades das crianças à medida que contribui para o desenvolvimento de novas habilidades, sejam elas motoras, cognitivas ou afetivas.

Tal perspectiva representa a essência do trabalho aqui proposto. Assim, buscou-se identificar como os espaços escolares devem ser organizados para que a educação infantil seja de qualidade. Isto é, um espaço promotor do desenvolvimento e da aprendizagem, que possibilite aos pequenos liberdade para criar, produzir e, ainda, divertirem-se ao aprender e ao se constituírem cidadãos autônomos e cooperativos.

Dessa forma, o espaço deve estar disposto de modo que estimule a criança. Ao agir sobre o meio, buscando satisfazer suas necessidades e seus desejos, a criança transforma a si própria e o meio, determinando, assim, seu processo de formação. Daí a necessidade de um espaço desafiador. Conforme Becker (2003, p.36): “se o sujeito tem condições ótimas de ação devido as suas experiências anteriores significativas e o meio positivamente desafiador, a qualidade da interação cresce e será função de um desenvolvimento cognitivo ótimo”.

Não se está aqui defendendo que o espaço por si só promova o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças. Ele deve ser organizado com vistas ao desenvolvimento e à aprendizagem, permitindo a sua exploração e manipulação por parte das crianças. Que ao explorá-lo o reconstrói e, sendo artífice do seu próprio desenvolvimento e saber, vai adquirindo habilidades para utilizar adequadamente os sistemas simbólicos culturais.



É, pois, urgente a necessidade de o professor entender sobre a relevância de se organizar os espaços escolares de modo que as crianças possam explorá-lo, manipulá-lo e nele interagir, desenvolvendo, assim, sua criatividade, bem como construindo as bases das suas estruturas sensoriais, motoras e cognitivas tão necessárias ao desenvolvimento e à aprendizagem.

Mas, de que falamos quando tratamos de espaço na educação infantil, já que a visão da criança sobre o espaço não é a mesma do adulto? Ao perguntar a um adulto o que é espaço, certamente se restringirá a defini-lo como algo fechado, como volume ou áreas delimitadas. Já para a criança espaço é o que ela sente, o que vê e o que faz nele. O espaço é em cima, embaixo, é tocar ou não chegar a tocar. (ENRICO BATTINI, apud FORNEIRO, 1998).

A noção de espaço na criança vai sendo construída a partir da sua percepção e manipulação do espaço prático, por meio dos sentidos e dos próprios movimentos corporais. Progressivamente, ela vai aprendendo um espaço único e objetivo no qual os objetos e ela própria estão incluídos e inter-relacionados.

De acordo com Piaget & Inhelder (1993), as primeiras noções de espaços construídas pela criança são atribuídas ao espaço prático, que ela vai formando por meio dos sentidos e dos próprios movimentos corporais. Após um extenso processo de coordenação das ações é que o indivíduo começa a construir paulatinamente um objeto permanente e um espaço onde ele se sinta um, entre outros elementos. A noção de espaço vai se aprofundando à medida que a criança vai vencendo gradualmente o egocentrismo, que consegue diferenciar o “eu” e o “mundo”.

Como esses autores argumentam:

A intuição espacial deverá pois, reconstituir, no plano que lhe é próprio, e que é o da representação por oposição à percepção direta e atual, tudo o que essa percepção já conquistou, antecipadamente, no domínio limitado dos contatos imediatos com o objeto (op. cit., p. 28).

Ainda na tentativa de se compreender o significado do espaço no contexto da educação infantil, vale ressaltar que ele não pode ser confundido com seu aspecto físico. Isso seria limitá-lo. Nesse trabalho, portanto, o termo espaço diz respeito ao espaço físico e, também, à caracterização dada pelos objetos, materiais didáticos, relações estabelecidas, mobiliário e decoração.

Igualmente, não se entende espaço e ambiente como elementos distintos. Apesar de possuir diferenças entre eles, é necessário reconhecer que eles estão intimamente ligados. O termo ambiente refere-se ao conjunto do espaço físico e às relações que nele se estabelecem,



sejam elas afetivas, interpessoais, entre as próprias crianças, crianças e adultos e com a sociedade em geral. Por meio do espaço físico a criança é capaz de estabelecer relações entre as pessoas e o mundo, convertendo-o em um pano de fundo em que se introduzem as emoções. “Essa qualificação do espaço físico é o que o transforma em ambiente” (HORN, 2004, p. 28).

O espaço tem que ser compreendido como algo integrado ao ambiente, e vice-versa. Há entre eles relações complementares. Como sugerido por Fornero (1998), o espaço escolar configura-se num ambiente de aprendizagem. Utilizar-se-á neste trabalho indistintamente uma ou outra denominação, entendendo que ambas podem ser promotoras do desenvolvimento e da aprendizagem

O ambiente é aqui entendido como uma estrutura com quatro dimensões: a física; a relacional, ou seja, as distintas interações que se produzem; a funcional, a forma de utilização dos espaços; e, também, a temporal - organização do tempo, os momentos em que serão utilizados os diferentes espaços (op. cit.).

A organização do espaço, segundo o foco deste estudo, precisa constituir-se num promotor de uma educação infantil de qualidade. Seja pela promoção da independência da criança, como via de construção da sua própria noção espacial, seja pelo desenvolvimento da sua criatividade, da estruturação lógica e, ainda, como um fomentador da cultura. Isto está bem resumido nos Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil: “Crianças expostas a uma gama ampliada de possibilidades interativas têm seu universo pessoal de significados ampliados, desde que se encontrem em contextos coletivos de qualidade” (p. 15). Tais contextos incluem, necessariamente, o espaço devidamente planejado e organizado.

A partir das premissas descritas acima, sustentou-se um dos objetivos específicos deste estudo: verificar se na prática escolar, no âmbito da educação infantil, o espaço é tido como uma possibilidade, um promotor do desenvolvimento e da aprendizagem infantil. Buscando-se, assim, analisar se os espaços observados se organizam de modo a propiciar o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças.

Um segundo objetivo específico foi identificar as concepções dos professores em relação à organização dos espaços. Foi intuito entender se há ou não intencionalidade do professor ao planejar os espaços onde seu trabalho pedagógico é desenvolvido.

MÉTODOS



Tipo de Estudo

A metodologia deste estudo foi de natureza qualitativa.. Na construção das informações trabalhou-se com a observação participante, a entrevista semi-estruturada, as conversas informais e, ainda, com a análise documental.

A pesquisa teve caráter exploratório, uma vez que há poucos estudos sobre esse tema. Nesse sentido, buscou-se entender a relação entre a organização dos espaços e a qualidade na educação infantil, ainda que se corra o risco de ficar no âmbito do que Oliveira (2007, p. 65) refere-se. Isto é: “(...) esse tipo de pesquisa desenvolve estudos que dão uma visão geral do fato ou fenômeno estudado”.

Participantes

As observações se deram numa uma instituição de Educação Infantil da Rede Pública de Ensino do Distrito Federal localizada no Plano Piloto, na cidade de Brasília.

Foram sujeitos da pesquisa 18 crianças, com idade de 4 anos, e sua respectiva professora, observados durante 14 encontros nos mais distintos momentos do seu cotidiano dentro da escola e também em duas aulas extra-classe - visitas a um museu e a um zoológico.

Delineamento e procedimento

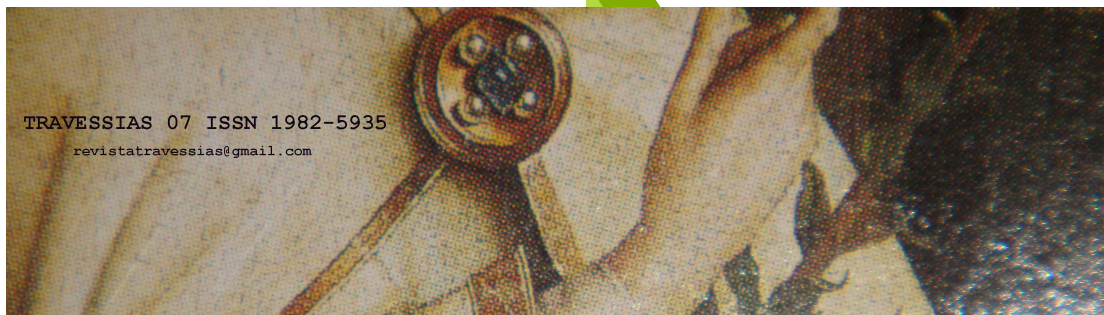
Foram 14 encontros com duração de 2h em média, com exceção dos passeios e festas, que se prolongaram um pouco mais. As observações totalizaram 31h30min e ocorreram durante todo o mês de junho de 2008. Procurou-se estar na escola em horários e dias distintos, de maneira a observar a diversidade de atividades das crianças. Em alguns dias, a observação foi realizada nas primeiras horas. Em outros, nas três últimas. Foram acompanhadas a ida das crianças ao parque, às refeições, e às demais atividades dentro e fora da sala no período referido. O registro das observações deu-se por meio da elaboração de um diário de campo.

A entrevista com a professora ocorreu já no final do processo de construção de dados. Teve a duração de aproximadamente 40 minutos. Foram realizadas questões pré-estabelecidas a partir dos indicadores e das observações. Outras quatro perguntas surgiram a partir da discussão. Além das conversas informais ocorreu também a análise do Projeto Político Pedagógico (PPP).



Análise dos dados

A análise das informações construídas, tanto pelas observações, por meio dos registros do diário de campo, quanto pelas conversas espontâneas, ou pela entrevista e análise do PPP, foi dividida em duas unidades temáticas que se complementam. A primeira, a Organização do espaço, e a segunda, a Qualidade na educação infantil. A partir dessas unidades foram construídos indicadores de qualidade da educação infantil, especificamente no que se refere à organização dos espaços, subunidades e bases para as análises. Inspirando-se em Forneiro (1998) e nas pesquisas de Davi e Weinstein (apud Carvalho e Rubiano,1996), foram criados sete indicadores, que se entendeu serem a contribuição do espaço para uma educação infantil de qualidade. Isto é, indicadores de espaços que favoreçam o desenvolvimento e a aprendizagem infantil. E, por fim, para cada indicador foram construídos aspectos mais objetivos de modo a facilitar a construção de informações relevantes para a pesquisa. A figura abaixo revela o detalhamento dos indicadores.



TRAVESSIAS 07 ISSN 1982-5935
revistatravessias@gmail.com

-necessidades especiais



Figura 01 – Detalhamento dos Indicadores



RESULTADOS

Para que os resultados sejam melhor compreendidos considera-se necessário uma breve caracterização da instituição em que se deu a pesquisa.

A escola possui a seguinte estrutura física: uma sala para Direção/Secretaria, uma sala para professores, um auditório/almoxarifado, um refeitório, uma área de serviço, um pátio interno, um parque e quatro salas de aula, cada uma com um banheiro.

Pela planta-baixa apresentada a seguir, tem-se uma visão mais objetiva de como ocorre a distribuição dos espaços:

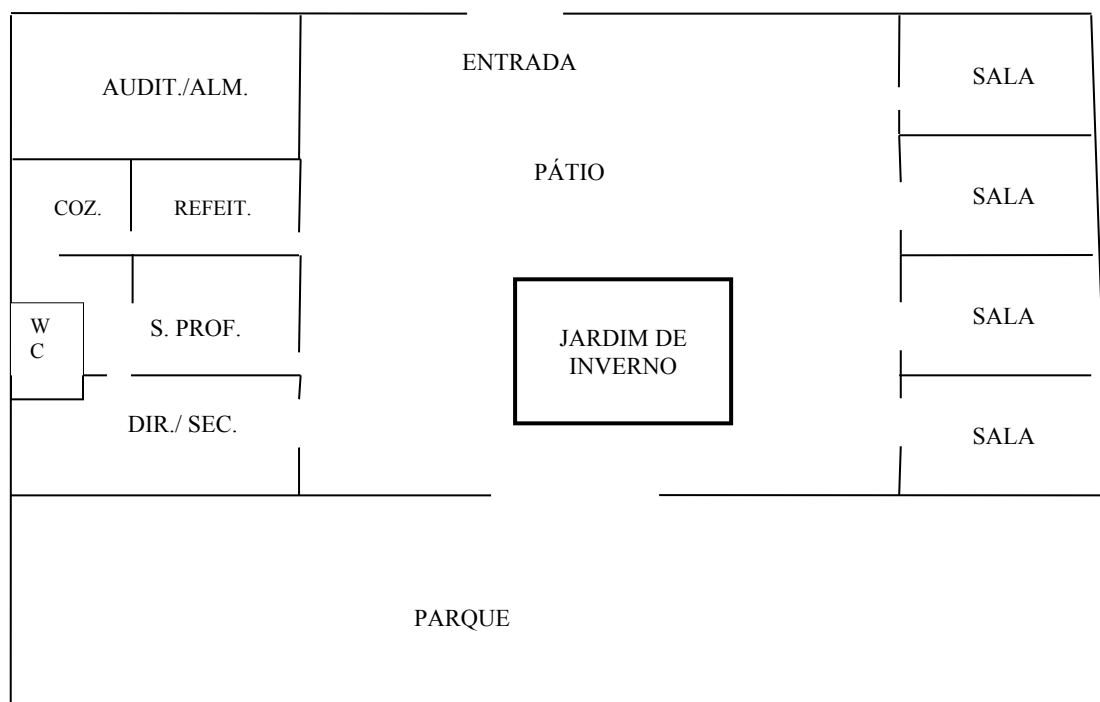


Figura 2 – Planta-baixa da Escola

Ao adentrar no pátio há uma área verde muito bem cuidada. Do lado direito de quem entra encontra-se um cantinho para leitura, um local agradável com uma estante de livros, um tapete, diversas cadeirinhas coloridas para os pequenos e murais para exposição dos trabalhos das crianças; além de refeitório, auditório, direção e sala dos professores. Do lado esquerdo encontram-se as salas de aula, cada uma com a porta pintada de uma cor diferente e que caracteriza o nome da turma (turma verde, amarela, rosa e azul). Ao fundo fica um enorme



brinquedo de plástico. Com escorregas, labirintos e paredes para escaladas. Seu material permite uma fácil desmontagem e uma movimentação flexível.

A sala da Direção e a Secretaria funcionam num mesmo espaço. Possui três mesas com cadeiras, um computador e um grande armário. A sala dos professores dispõe de uma mesa para reuniões, diversos livros para consulta, quadro de avisos e de aniversariantes, um aparador com água e café e um armário em que fica o som, o DVD, e os demais aparelhos eletrônicos.

O auditório também é utilizado para aulas de psicomotricidade e almoçarifado. Conta com um armário; bancos de madeiras; barras e colchonetes para as atividades físicas; bambolês; diversas cadeiras empilhadas; um teatro móvel; e prateleiras com tintas, papéis e mais alguns materiais de uso coletivo das crianças. Há também materiais utilizados em eventos passados e guardados para serem reaproveitados.

O refeitório é um lugar agradável e aconchegante. No lado de fora, encontra-se o cardápio com as refeições do dia e dos dois próximos. Possui três mesas de aproximadamente quatro metros, feitas de pedras de mármore. Cada uma com bancos dos dois lados, também de mármore, e com o mesmo comprimento das mesas. Tanto as mesas quanto os bancos são acessíveis às crianças de 4 a 6 anos.

Ao lado encontra-se outra sala com dois freezers e alguns panelões. Na parte de trás ficam duas pias, armários, uma geladeira duplex, um fogão industrial e um escorredor grande de pratos, copos e talheres. As paredes são de pedras frias. A cozinheira e sua ajudante parecem ser pessoas felizes e tratam muito bem as crianças.

As salas de aula possuem a mesma disposição física. São coloridas e com aproximadamente 50m². A sala observada dispõe de 2 mesinhas redondas, cada uma com 4 cadeiras, uma mesa quadrada bem comprida com 10 cadeiras e, duas mesas quadradas menores unidas com 6 cadeiras. Na parte da frente da sala ficam as mesas, cadeiras, filtro para água, os armários e os ganchos nas paredes para colocarem as mochilas. Ao lado está o banheiro com um vaso pequeno, um cesto de lixo e, bem na frente, uma pia com sabonete e duas torneiras embaixo de um enorme espelho. Tudo do tamanho adequado às crianças.

Os armários são altos e coloridos. Na parte de cima ficam os papeis, colas e materiais de uso coletivo e individual que ainda não estão sendo usados pelas crianças. Mais abaixo estão os depósitos com giz de cera, cola e materiais diários. O que está mais à altura dos pequenos são as caixas onde eles mesmos organizam suas atividades.



Na parte de trás da sala ficam o cantinho dos jogos e o cantinho da casinha. Há sofá, cama, mesa, cadeiras, armário, geladeira, fogão, tábua de passar, ferro, depósitos para cozinha, panelas, penteadeira, flores, telefone, espelho, toalhas de mesa, bonecas, carrinhos de bebê e bichinhos de pelúcia. Bem ao lado ficam duas prateleiras baixas com diversos jogos e mais brinquedos. Têm bolas, carros, caminhões, cavalos de pau, várias caixas de madeiras com jogos de encaixe e de construção.

Outro cantinho é o da leitura. Em uma estante, à altura dos pequenos, encontram-se cerca de 30 títulos infantis. E como extensão da sala, há um espaço com uma árvore separada por vidro, e que dá total visão da rua.

O parque é formado por vários espaços. Dispõe de uma área grande se comparado aos demais locais da escola. Corresponde quase a metade da instituição. Há uma piscina; dois espelhos d'água, que estão vazios pelo risco de contaminação da Dengue; um chuveiro; e uma casinha de madeira, fechada atualmente por causa da atuação de vândalos que a usam para as atividades fisiológicas. Possui muitos brinquedos: vários balançadores, escorregas, gira-giras, gangorras e um castelo imenso de madeira ligado a uma ponte, os quais oferecem inúmeras possibilidades de uso. É utilizado diariamente pelas crianças em horários pré-estabelecidos. Os solos são variados com grama, cimento e muita areia.

Dada essa breve caracterização será detalhado os resultados a respeito de cada indicador e seus respectivos aspectos.

A despeito do indicador *Condições Físicas* constatou-se um espaço bem organizado, limpo, higiênico e com ventilação e luminosidade adequadas aos pequenos. Desde o pátio, com seu jardim de inverno, às salas de aula, refeitório ou parque, observou-se grande zelo e incentivo à satisfação desses critérios. Uma ressalva, porém, tem que ser feita ao se analisar a limpeza e organização do auditório. Pois, diferentemente dos outros ambientes, esse espaço poderia ter apresentado mais contribuições ao desenvolvimento e à aprendizagem infantil. Reunia desordenadamente muitos materiais (bolas, bambolês, corda e outros equipamentos) e, pelo menos durante a observação e especificamente no turno da tarde, estes materiais nunca foram utilizados com o intuito de promover o desenvolvimento motor, de modo que as crianças pudessem se movimentar de diversas formas, conhecendo assim seu próprio corpo. Conhecimento este fundamental ao desenvolvimento cognitivo e social.



Analisando se os *mobiliários, materiais e objetos eram de fácil acesso às crianças* deparou-se com uma duplicidade de atitudes. Se por um lado, no parque e na sala, havia livre acesso a todos os brinquedos, espaços, equipamentos e objetos dos cantinhos que também estavam dispostos na altura das crianças, por outro, o uso de alguns materiais de uso coletivo, era restrito. Só podiam ser manuseados depois de serem entregues ao centro das mesas de atividades.

No parque, os brinquedos e ambientes de diferentes pisos, eram de livre acesso às crianças. Ao adentrarem nesse ambiente, os pequenos sentiam-se livres para criar movimentos e inventar suas próprias brincadeiras. Não tinham seus comportamentos vigiados, nem seus passos controlados. Na sala de aula, refeitório e pátio todos os bancos, brinquedos, bebedouros, cestos de lixo, estante de livros, brinquedos, mesas e cadeiras também eram de fácil acesso aos pequenos.

Quanto à *variedade de arranjos* pode-se dizer que o jardim de infância observado ofereceu ambientes variados que em muito contribuíram para a promoção de criatividade, desafios, aprendizagem e desenvolvimento. A sala de aula com seus ricos cantinhos temáticos; o parque com distintos brinquedos e espaços de diferentes pisos (areia, cimento, barro); o refeitório e os passeios configuraram-se em ricos promotores de aventuras e descobertas. Espaços esses com organização propícia a concentração das crianças e a descentralização da figura do professor. Quanto ao auditório, acredita-se que poderia ser mais bem utilizado. Promovendo vivências a partir de jogos, brincadeiras e atividades coletivas. E, o uso da área da literatura, dentro da sala de aula acredita-se que poderia ser mais incentivado no dia-a-dia.

Espaços como o refeitório e a cozinha trouxeram contribuições importantes a cada criança. Fosse por oferecer alimentos saudáveis, por permitir que a criança escolhesse a quantidade que queriam comer, por possibilitar conversas entre as crianças, por oferecer mobiliário próprio a estatura dos pequenos ou por incentivar a autonomia e a responsabilidade ao consentir que as crianças adentrassem pela cozinha para guardar seus copos e talheres.

Outros momentos ainda oferecidos foram o Zoológico, a exposição Darwin e as festas Country e Junina. No zoológico as crianças viveram momentos inesquecíveis. Tiveram contato direto com o ambiente natural; conheceram vários animais; fizeram um passeio muito produtivo ao borboletário, o que possibilitou descobertas muito significativas; e tantos outros momentos importantíssimos para a sua aprendizagem e desenvolvimento.



Na exposição Darwin, então! Receberam muitas informações importantes que certamente acompanharão as crianças pelo resto da vida. Puderam tocar em vários animais vistos vivos no zoológico e que na exposição só encontrava-se o esqueleto. Isto muito as marcou. Pelas palavras de um dos alunos, compreendem-se melhor essas oportunidades de crescimento:

Seguimos para o estande dos esqueletos. Leão, cobra, sapo, mutú, iguana e macaco eram alguns dos animais expostos. Girando em torno do estande perguntavam:

-Onde fica o nariz? E a mão? As unhas se chamam garras?

Vimos adiante muitos insetos, peixes, coruja e várias anotações de Darwin ainda na infância. (...)

Seguindo, chegamos às borboletas. Um gritou:

- Ela não vai voar que nem no zoológico?

- Não - respondeu a guia. Ela está morta.

- Ah! Bem que a tia falou. Só não sabia que eu ia ver borboleta morta! Estou amando isto aqui (...). (Diário de Campo,)

Conheceram ainda a réplica do barco que o cientista utilizou para realizar muitas de suas pesquisas, diversas espécies de plantas, alguns crânios que comprovaram a Teoria da Seleção Natural e, tantas coisas mais. Situações essas, primordiais para construir na criança o gosto pela arte. Constituindo-se assim, em incentivos e desafios que impulsionam os pequenos a quererem saber mais sobre o mundo da ciência.

Experimentar, pensar, questionar em atividades como essas, são comportamentos indispensáveis ao desenvolvimento e aprendizagem dos pequenos. Contribuindo assim, para desenvolver nas crianças a compreensão sobre os outros e o mundo em sua volta. Ao experimentarem espaços distintos, desde a sala de aula até o zoológico, as crianças puderam manipular ambientes diversos para, assim, paulatinamente, construir e internalizar o espaço como representação, para mais à frente, sentirem-se elemento do mundo ao seu redor. Confirmando, dessa forma, as pesquisas de Piaget e Inhelder (1993) que apresentam a necessidade de ambientes organizados com vistas à exploração e manipulação por parte das crianças.

A *Segurança* foi mais um critério do indicador condições físicas a ser contemplado na instituição pesquisada. Ao longo de toda a pesquisa pode-se verificar que todos os espaços ofereciam proteção às crianças, ao mesmo tempo em que não limitavam as possibilidades de exploração do seu universo infantil. Ressalvas foram levantadas apenas ao uso de alfinetes para fixação das atividades, e a parede de vidro no final da sala de aula. De um modo geral, as instalações elétricas e hidráulicas, pareciam não oferecer perigo. No parque, não se constatou



nenhum brinquedo ou situação de perigo iminente. Na cozinha, todos os equipamentos e eletrodomésticos potencialmente perigosos eram devidamente guardados em armários não acessíveis aos pequenos.

Nesta mesma direção, deram-se os passeios e as festas observadas. A escola organizada e unida cuidava de cada detalhe para que esses eventos acontecessem da melhor forma possível. Nos passeios as professoras dos turnos contrários, supervisora, coordenação e direção dividiam-se nas turmas, acompanhando e se responsabilizando junto com a professora por um pequeno grupo de crianças. Às duas turmas com alunos especiais eram destinadas a um grupo maior de responsáveis.

Os *ambientes externos* eram cuidadosamente planejados e com uma característica comum à sala de aula: o acompanhamento das necessidades, potencialidades e interesses de cada um de seus alunos. O uso do refeitório, do parque, do pátio e também os passeios foram preparados e considerados momentos de aprendizagem e desenvolvimento tanto quanto os da sala de aula. Dessa forma pode-se afirmar que todos os diferentes espaços, com exceção do auditório, foram considerados ricas oportunidades de aprendizagem e desenvolvimento.

Quanto ao critério *respeito às necessidades dos alunos com necessidades especiais* verificou-se pelo menos às duas crianças atendidas no turno vespertino, um atendimento respeitoso e não discriminatório. Um aluno tinha síndrome de down e, outro um diagnóstico ainda não concluído.

As salas e demais ambientes eram dispostas no mesmo piso do pátio. Elevadores e rampas, caso fosse indispensáveis a esses alunos, não precisariam ser disponibilizados. Já os banheiros, nenhum era próprio a Pessoas com Necessidades Especiais (PNE). A instituição também não dispunha de equipe nem sala de recursos multifuncionais para o atendimento aos alunos. Comprometendo dessa forma a oferta de uma educação infantil de qualidade, ou seja, uma educação que atenda a todos os alunos com igualdade de direitos independente da diversidade humana (SILVA, 2008).

A *rotina* foi outro indicador contemplado na análise. Em diferentes situações do cotidiano pode-se verificar uma rotina seguida de maneira cuidadosa e sem discriminação a qualquer sentimento dos pequenos. Revelando dessa maneira uma concepção de educação infantil em que as necessidades das crianças não podem ser deixadas de lado. E assim, venham sentir-se peça-chave no seu processo de desenvolvimento e aprendizagem.



Essa prática pode ser observada durante a entrevista quando a professora indagada sobre qual seria a prioridade na organização do trabalho desenvolvido com as crianças responde:

Ah, eu priorizo o interesse que eles têm, porque eu acho que as atividades se desenvolvem melhor a partir do momento em que eles têm interesse no que estar sendo feito, aquilo que chama a atenção, porque eles (...) com mais empenho, as atividades saem melhores. E tem mais significado para eles também.

A rotina observada oferecia a possibilidade de construção por parte das crianças de referências a respeito do tempo e espaço do qual faziam parte. A maioria das crianças mostrava-se segura e resolvida. Utilizavam os brinquedos enquanto lhes era permitido, corriam, caíam, levantavam, conversavam e interagiam muito prazerosamente.

Os pequenos nunca se negavam a contribuir para a organização da sala. Em algumas situações o cantinho da casinha não ficava tão bem arrumado. Prontamente a professora chegava junto e, como quem não queria nada, perguntava se eles não queriam ajuda para organizá-la.

A forma de agir das crianças indicavam muita satisfação em estarem ali naquela sala e nos demais ambientes da escola. Agiam com muita desenvoltura, com certeza do que queriam. Evidenciando dessa maneira que um planejamento cuidadoso, que conhece os gostos e as necessidades dos pequenos, promove momentos prazerosos de aprendizagem e desenvolvimento.

Com relação à oferta de *atividades diversificadas*, as observações sinalizaram uma sensível atenção da escola em oferecer uma variedade de materiais e equipamentos distribuídos em diferentes momentos de modo a desafiar e estimular os pequenos. Apesar de oferecer poucas atividades envolvendo música e literatura.

Atividades individuais, em grupos maiores ou em pequenos grupos eram oferecidas várias vezes durante a tarde. No início da tarde, acontecia a rodinha. Nesse momento, todo o grupo se unia para conhecer o que estava proposto e, assim, se envolvia com as atividades planejadas para o resto do dia. Logo depois, vinham as atividades individuais – tarefas de colar, pintar ou desenhar. Seguindo, vinha o lanche. Logo após, a hora do parque. Depois de cerca de 40 minutos, voltavam à sala de aula para aproveitarem os cantinhos temáticos. Mais atividades dirigidas aconteciam em seguida. E, para concluir, novamente era formada uma rodinha. Todos



esses momentos e espaços eram organizados para que as crianças aprendessem por meio de explorações ativas de tudo ao seu redor.

Os passeios e as festas também ofereceram uma grande variedade de atividades aos pequenos. Nas festas tiveram contato com as famílias de seus colegas, apresentaram-se em público e aprenderam mais sobre a vida rural. Experiências únicas que fecharam um belo projeto sobre as especificidades da vida rural e da vida urbana. Configurando-se, ambas as comemorações, em ambientes de muita aprendizagem e desenvolvimento, ampliando em cada pequeno, seu universo de experiências e conhecimentos. Outro momento marcante deu-se no zoológico. Antes de saírem da escola ficou combinado que todas as crianças se responsabilizariam por um amigo. Cada uma escolheria um colega e seria de sua competência cuidar daquele amigo até o momento da volta. O relato abaixo descreverá esse acordo:

Depois todos foram colocar o agasalho e formar uma fila para sair. Estavam de mãos dadas com um coleguinha. Dentre os combinados estava esse: cada um seria responsável por um amigo. Deveriam cuidar para ele não se perder, para não cair e nem se machucar.

Foi muito legal vê-los de mãos grudadas com o amigo cada vez que nos deslocávamos a outra jaula. Às vezes perdiam o colega e ficavam loucos procurando-o no meio da turma toda. (Diário de Campo).

Sobre o indicador *definição de espaço em conjunto*, foi possível constatar que o planejamento do espaço da sala de aula e da escola como um todo é definido pela direção/coordenação/professores da escola e já vem determinado desde o início do ano letivo. A disposição dos móveis, brinquedos, equipamentos e demais matérias era igual em todas as salas. Desse planejamento macro as crianças não faziam parte. Porém, era nítida a negociação e conscientização do corpo administrativo e docente para que as crianças compartilhassem e zelassem por tais espaços.

Apesar de não participarem substancialmente da elaboração e definição do planejamento de seus espaços, os pequenos possuíam uma relação afetiva com os espaços oferecidos. Mostravam-se claramente parte de tais espaços e responsáveis por sua organização.

A *interação* foi mais um indicador proposto. Relações sensíveis e responsivas entre as crianças, o meio, seus pares e adultos ao seu redor são fundamentais na construção do autoconceito positivo. Conduzindo dessa forma, os pequenos à descoberta, à criatividade e a uma aprendizagem ativa, além de possibilitarem importantes oportunidades no aprendizado da



negociação e do compartilhamento. Aspectos intimamente ligados a uma educação infantil de qualidade.

Na realidade observada o relacionamento aluno/professora sempre foi baseado na amizade e no respeito onde quer que estivessem os pequenos, fosse na sala de aula, no refeitório ou no parque. Ações de apoio, colaboração e valorização eram semeadas constantemente entre as crianças. A palavra e a escuta nunca foram negadas a nenhuma criança. A professora constantemente criava situações desafiadoras ao pensamento de seus alunos, e, de maneira afetiva iam conduzindo-os a uma aprendizagem e a um desenvolvimento satisfatórios. Quando uma criança, por motivos diversos, machucava ou insultava o colega, ação compreensível para crianças que ainda estão aprendendo a disputar atenção, brinquedos e espaços, tudo era resolvido de forma que nenhum dos lados se sentisse inferior.

Organizado em cantos de atividades, o ambiente da sala de aula propiciava uma interação bem mais próxima e intensa entre as crianças e seus pares, do que nos modelos de organização mais tradicionais. Interagindo com os amigos e os objetos desses espaços, os pequenos construíam seus próprios conhecimentos de forma mais ativa.

No parque as interações se intensificavam ainda mais. Brincavam de pique-pega, de esconde-esconde. Estavam com uns amigos agora, minutos depois, o grupo já era completamente outro. Dialogavam, corriam, trocavam de brinquedos e assim iam tendo contato com quase todos da turma.

A pesquisa mostrou ainda que a instituição prezava por uma boa *parceira com as famílias*. Recebia e orientava a todos os responsáveis que a procurasse. Todos os dias antes de começar a aula, a direção/coordenação/professoras estava à disposição para os possíveis esclarecimentos por parte dos pais ou responsáveis pelas crianças.

As famílias tinham livre acesso à escola. No início do ano letivo eram solicitadas por meio de um questionário a participarem da elaboração do PPP. A interação solidária e respeitosa entre as famílias e a escola pode ser observada ainda pela participação e colaboração daquelas na Associação de Pais e Mestres. Ou ainda, pelo envolvimento e contribuição financeira dos pais nas festas realizadas durante a pesquisa.

Pelo trecho do diário de campo torna-se claro o tamanho do envolvimento e abertura da escola aos pais:

Hoje ao chegar à escola presenciei uma cena muito interessante. No pátio sentado no tapete do cantinho da leitura estava um pai lendo historinhas para



seu filho e outras tantas crianças enquanto a sala não era aberta para eles entrarem.

Ele estava no centro e as crianças ao seu redor. Quando acabava uma história já tinha uma criança com um livro diferente nas mãos pedindo para ele lê-lo.

Fazia pausas, entonações diferentes, dava oportunidade para as crianças interagirem... As crianças estavam quase que hipnotizadas, de tanta atenção e concentração.

No que diz respeito ao indicador promoção dos *sentimentos de competência, segurança e confiança* tornou-se evidente o estímulo e o respeito aos esforços e potencialidades dos pequenos. Esses fatos tornaram-se claros, por exemplo, pelo fato da professora diariamente conversar com os pequenos para que eles ajudassem no cuidado com o aluno com necessidades especiais. Ou ainda, pela professora estimular notadamente a cada criança a vencer os obstáculos à sua frente, fosse nas atividades, nas brincadeiras ou no cumprimento de suas obrigações. Constantemente era trabalhado o espírito de responsabilidade, amor ao próximo e respeito aos semelhantes.

Todas as crianças, até a mais acanhada, demonstravam muita segurança, confiança e satisfação em suas ações e interações. Independente do ambiente ou situação tornou-se claro o respeito à infância e às especificidades que permeiam o desenvolvimento e aprendizagem infantil.

CONCLUSÃO

Ao se investigar como a organização do espaço na escola retratada contribuía para a qualidade da educação infantil, ou seja, para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças atendidas, tomando por base os indicadores propostos, pode-se considerar a instituição como um ambiente de ricas aprendizagens e condições de desenvolvimento. A organização espacial da escola pesquisada era desafiadora e promotora de diferentes atividades, as quais permitiam às crianças a descentralização da figura da professora e maior autonomia das crianças.

Contudo, entende-se que algumas práticas precisam ser repensadas por não estarem contribuindo para uma educação infantil de qualidade. São elas: um melhor aproveitamento do auditório; acesso menos restrito aos materiais guardados nos armários; maior incentivo ao cantinho da leitura; oferecer mais atividades com tintas, colas coloridas, instrumentos musicais, fantoches, rimas e versos e ainda, mais atenção quanto à definição conjunta do espaço.



Cabe ressaltar que a investigação aqui apresentada deu-se em uma realidade em permanente movimento. Logo, as afirmações e considerações apresentadas são questões e respostas certamente transitórias.

Fica o convite para que novas investigações referentes à organização do espaço aconteçam. E assim, se entenda cada vez mais as contribuições da organização espacial para uma educação infantil de qualidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECKER, Fernando. **A origem do pensamento e a aprendizagem escolar**. Porto Alegre, Artmed, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil**. Brasília, MEC/Secretaria de Educação Básica, 2006.

CARVALHO, M. C.; RUBIANO, M. B. **Organização do espaço em instituições pré-escolares**. In: OLIVEIRA, Zilma Moraes R. de (org). **Educação infantil: muitos olhares**. São Paulo, Cortez, 1994.

FORNEIRO, Lina I. A organização dos espaços na Educação Infantil. In: ZABALZA, Miguel A. **Qualidade em educação infantil**. Porto Alegre, Artmed, 1998, p. 229-281.

HORN, Maria da Graça de Souza. **Sabores, cores, sons, aromas: A organização dos espaços na educação infantil**. Porto Alegre, Artmed, 2004.

LIMA, Ana Beatriz & BHERING, Eliana. **Um estudo sobre creches como ambiente de desenvolvimento**. Caderno de Pesquisa, Dez. 2006, Vol. 36, nº 129, p. 573-596.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, Vozes, 2007.

PIAGET, J.; INHELDER, B. **A Representação do Espaço na Criança**. Porto Alegre, Artmed, 1993.

SILVA, Rosemary Guilardi da. **Qualidade na Educação Infantil: O atendimento especializado na sala de recurso multifuncionais**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, 2008.

SOUSA, Maria de Fátima Guerra de. **Educação Infantil: os desafios da qualidade na diversidade**. (mimeo) Palestra de abertura do Seminário Nacional de Educação Infantil do SESI: Identidade na Diversidade. Belém, 1998.